

Preocupado com unidade, PMDB já pensa em alianças para o segundo turno

por Célia Roseblum
de São Paulo



Ulysses Guimarães

O maior partido do País, o PMDB, chega à reta final da campanha preocupado em preservar no segundo turno das eleições para a Presidência da República o que restou de unidade entre suas lideranças mais expressivas. "O PMDB precisa até como condição de sobrevivência de uma definição unitária", diz um político do comando pemedebista em São Paulo.

Se confirmadas as pesquisas de intenção de voto, onde o candidato do PMDB, Ulysses Guimarães, oscila em torno de 4% da preferência do eleitorado, as lideranças do partido tentarão compatibilizar as diferenças regionais numa única opção. Um caminho que incluiria conversas com os dois candidatos que estivessem na disputa, inclusive o atual líder das pesquisas, Fernando Collor de Mello, do PRN. "Vamos conversar em torno de programas de governo para estabelecer as alianças necessárias", avalia esse dirigente do PMDB paulista.

Mesmo esse caminho para a busca da unidade esbarra nas divisões do partido.

O vice-governador de São Paulo, Almino Affonso, um pemedebista histórico, acredita que Collor "seria rechaçado de ponta a ponta no partido". Mas também vê dificuldades em um consenso em torno de Leonel Brizola (PDT), desafeto político do governador do Rio, Moreira Franco, ou de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que enfrentaria resistência em São Paulo. "Ai a coisa complica", diz. "A unidade é sempre uma preocupação", acha o presidente do PMDB, Jarbas Vasconcelos.

Os obstáculos à unidade partidária foram expostos publicamente na última sexta-feira, em São Paulo, num comício de Ulysses Guimarães. Na mesma Praça da Sé, no Centro da cidade — onde, na campanha das "Diretas já" de 1984, Ulysses levantava as mãos dadas com Mário Covas (PSDB) e Brizola, hoje seus concorrentes —, o candidato subiu ao palanque acompanhado por poucos políticos.

O PMDB tem hoje 18 governadores, 34 senadores, 198 deputados federais, 433 deputados estaduais, 2 mil prefeitos e 17 mil vereadores.

Mas ao falar para um público calculado pela Polícia Militar (PM) em 25 mil pessoas, Ulysses tinha a seu lado apenas uma dezena de deputados, alguns vereadores e prefeitos, o senador Severo Gomes e um único governador: Orestes Quércia, que levou integrantes de sua equipe.

E foram para o governador de São Paulo as primeiras palavras que Ulysses dirigiu em seu discurso, que encerrou o comício. "Orestes Quércia, eu não o chamo governador, o nome que se adapta a seu estilo e personalidade é o líder", disse, agradecendo o apoio do governador — que também era cogitado como candidato às vésperas da convenção que escolheu Ulysses em maio — e sua li-

derança na "campanha nacional".

"Ganharemos. Apesar dos crápulas, dos indecisos e dos traidores", discursou Ulysses. "Não é hora de ficar chorando mágoas. É hora de trabalhar", disse Quércia, que falou pouco antes do candidato e recomendou: "Vamos buscar nossos companheiros. Vamos buscar sobretudo nossas lideranças, prefeitos, vice-prefeitos, vereadores e deputados".

As referências aos "traidores" do partido não faltaram desde o início do comício. Logo depois de uma apresentação de Oswaldinho do Acordeon, a vereadora Cida Corrêa foi ao microfone acusar de "velho" — um dos principais defeitos de Ulysses segundo os que não aderiram à sua campanha — "os que se escondem nos porões e não tiveram a coragem de assumir a candidatura Ulysses Guimarães".

Foi também com referências ao fato de ser "velhinho" que Ulysses Guimarães, 73 anos, mais de 40 anos de carreira política, pautou seu discurso. Depois de acompanhar animadamente o "jingle" da campanha, "bote fé no velhinho", batendo palmas e brincando como se estivesse regendo o público, disse que veio para "acabar com a molecagem".

"É preferível um velho experiente, com passado de luta do que um jovemzinho travesso querendo fazer travessuras na Presidência da República", disse, numa alusão a Collor de Mello, a quem também criticou.

Também atacou os "candidatos que mamaram na teta assassina e suja da ditadura". O "acabar com a molecagem" de Ulysses inclui a política econômica do governo, o tratamento da dívida externa, os salários e a aposentadoria.

Até a chegada de Ulysses, o locutor Ivo Morganti tentava com pouco sucesso animar o público que se espalhava pela Praça da Sé, onde dezenas de faixas anunciando o apoio de Quércia e Almino Affonso ao candidato dividiam espaço com algumas outras assinadas por diretórios e núcleos do PMDB do interior paulista, cujos militantes vieram em caravana ao comício.

A agenda do candidato previa para o final de semana carreatas e comícios na Bahia, no sábado, e outros dois comícios no domingo, um em Minas e outro no Rio de Janeiro, como encerramento.